

J. R. Ward

ÊXTASE

Tradução
Filipa Aguiar

*Quinta Essência**

1



Túmulo.

Mas que raio... Ele viu uma lápide e terra revolvida, sentiu o seu corpo soterrado.

Matthias estava num túmulo. No meio de um cemitério que se estendia até perder de vista.

A primeira coisa em que pensou foi nas tatuagens que obrigara os seus homens a fazer, as da Ceifeira num campo de lápides de mármore e granito.

Era bastante irônico, realmente, e talvez ele viesse a ser cortado àsostas por uma foice a qualquer momento.

Pestanejando para melhorar a pouca visão que tinha, juntou os membros ao torso para preservar o calor e esperou que a cena regressasse à sua realidade. Vendo que nada mudava, perguntou-se para onde fora a parede onde estivera preso durante uma eternidade.

Ter-se-ia finalmente libertado daquele fosso de tortura cheio de gente?

Estaria fora do Inferno?

Com um gemido, tentou erguer-se, mas já era suficientemente difícil levantar apenas a cabeça. Por outro lado, descobrir em primeira mão que aqueles malucos religiosos estavam certos acerca de uma série de coisas fazia um tipo querer dormir uma sesta: na verdade, os pecadores iam lá para baixo, e não era para os antípodas; quando lá chegavam, o sofrimento fazia com que tudo aquilo de que nos

tínhamos queixado ao cimo da terra parecesse os estúdios da Universal com passe de livre acesso.

Havia um Diabo, ou Diaba.

E a sua sala de estar era uma porcaria.

No entanto, os beatinhos não tinham percebido tudo bem. Afinal, Satanás não tinha chifres, nem uma cauda, nem uma forquilha ou cascos fendidos. Era afinal uma grande cabra que gostava muito de se vestir de vermelho. Por outro lado, as morenas ficavam muito bem nessa cor; pelo menos era o que ela dizia a si mesma.

Com o olho esquerdo, o que funcionava, ele pestanejou de novo, preparando-se para um regresso à escuridão densa e quente, com os gritos dos condenados a ressoarem nos seus ouvidos e a sua própria dor a subir-lhe pela garganta e a sair pelos lábios ressequidos.

Não. Ainda continuava num túmulo. Num cemitério.

Completamente nu.

Olhando em volta, viu muitos túmulos de mármore branco e jazigos com anjos e estátuas fantasmagóricas da Virgem Maria, embora as lápides simples fossem muito mais comuns, como se os mais fracos da ninhada tivessem dominado o lugar. Pinheiros e bordos lançavam sombras sobre a relva e os bancos de ferro forjado. Os candeeiros emitiam uma luz cor de pêssego, como velas num bolo de aniversário, e os carreiros sinuosos podiam ter sido românticos noutra lugar.

Ali não o eram. Não naquele contexto de morte...

De repente, cenas da sua vida passaram-lhe pela mente, fazendo-o perguntar-se se não estaria a gostar de uma segunda experiência de morte. Ou de uma terceira, como era o caso.

Não havia qualquer felicidade na retrospectiva. Nenhuma esposa amorosa ou filhos lindos, nenhuma vedação branca a separar o seu jardim do jardim do vizinho. Apenas cadáveres, às dezenas, centenas, todos aqueles que ele tinha matado ou mandara matar.

Ele tinha feito mal, muito mal, durante a sua vida.

Forçando-se a sentar-se na terra solta, o seu corpo era um quebra-cabeças com peças que não encaixavam, pedaços presos a articulações que estavam largas nalguns sítios, noutros muito apertadas. Mas era o que acontecia quando uma pessoa se fazia explodir, e os médicos

e os nossos poderes de cura limitados eram tudo o que se tinha para solucionar as coisas.

Virando-se para olhar a lápide, ele franziu a testa.

James Heron.

Santo Deus, James Heron...

Ignorando o facto de a sua mão estar a tremer, ele tocou nas letras gravadas, os seus dedos a afundarem-se no que fora esculpido no granito cinzento.

Uma exalação trémula deixou o seu peito, como se a dor que sentiu de repente atrás das costelas tivesse expulsado o oxigénio dos seus pulmões.

Não fizera ideia de que havia uma recompensa eterna, que as ações de cada pessoa eram de facto contadas e pesadas, que havia um juízo logo após o último batimento do coração. No entanto, a dor não era por causa disso. Era por descobrir que, mesmo que soubesse o que o esperava, não teria sido capaz de fazer nada de maneira diferente.

– Lamento imenso – disse ele, perguntando-se exatamente com quem estava a falar. – Lamento mesmo muito...

Não houve resposta.

Olhou para o céu.

– Sinto muito!

Continuou sem resposta, mas tudo bem. Os arrependimentos acumulavam-se na sua cabeça, de modo que também não havia muito espaço para a intervenção de terceiros.

Enquanto lutava para se levantar, a parte inferior do seu corpo cedeu e ele teve de se apoiar à lápide para não perder o equilíbrio. Céus, estava um caco, as suas coxas cheias de cicatrizes, a barriga cheia de queloides, uma barriga da perna quase só osso. Os médicos haviam feito milagres usando parafusos e hastes, mas comparado com o corpo com que ele nascera, o atual era um brinquedo partido remendado com fita adesiva e cola.

Por outro lado, o suicídio deveria funcionar. E Jim Heron era o motivo por que ele tinha sobrevivido por mais dois anos. Depois, a morte encontrara-o e reclamara-o, e provara que a Terra apenas recebia as almas emprestadas. Aquilo que estava do outro lado eram os verdadeiros donos.

Por força do hábito, ele procurou a bengala, mas depois concentrou-se naquilo que encontraria com mais probabilidade: sombras a virem por ele, ou aquelas criaturas oleosas lá de baixo, ou as da variedade humana.

De qualquer maneira, estava lixado: enquanto ex-chefe das Operações Especiais, ele tinha mais inimigos do que um ditador do Terceiro Mundo, e todos eles tinham armas ou recorriam a assassinos profissionais. E, uma vez que fora expulso do recreio do Diabo, era evidente que não saíra da prisão de borla.

Mais cedo ou mais tarde, alguém viria atrás dele, e embora não tivesse nada por que viver, o seu ego exigia que ele desse luta.

Ou pelo menos parecesse um alvo decente.

Ele começou a coxear, e continuou com a graça de um espantalho, o seu corpo a sacudir-se numa série de espasmos, que culminaram num andar balançado que doía como o inferno. Para conservar o calor, tentou envolver o tronco com os braços, mas isso não durou muito. Precisava deles para compensar os balanços.

Com o seu andar à *zombie* e a sua cabeça completamente em fanicos, ele continuou a andar, atravessando a relva áspera, passando pelos túmulos, sentindo o ar frio e húmido na pele. Não fazia ideia de como tinha saído. Para onde se dirigia. Em que dia, mês ou ano estava.

Roupas. Abrigo. Alimentos. Armas.

Assim que garantisse o básico, iria preocupar-se com o resto. Desde que ninguém o matasse primeiro; afinal, um predador ferido tornava-se uma presa rápida. Era a lei da selva.

Quando se aproximou de uma construção de pedra quadrada com ferro forjado à volta, partiu do princípio de que era apenas outro túmulo. Mas o nome Pine Grove Cemetery no frontão e o cadeado brilhante na porta da frente sugeria que pertencia aos funcionários.

Felizmente, alguém tinha deixado entreaberta uma das janelas nas traseiras.

Claro, a coisa parecia presa com cola.

Pegando num galho caído, ele enfiou-o na fenda e fez força até que a madeira se curvou e os seus braços se contraíram.

A janela mexeu-se e emitiu um guincho estridente.

Matthias ficou imóvel.

Pânico, desconhecido mas aprendido à sua custa, fê-lo voltar-se para trás e procurar nas sombras. Conhecia aquele som. Era o barulho que os esbirros do Demónio faziam quando vinham buscar alguém...

Nada.

Apenas sepulturas e luzes que, por muito que a sua glândula suprarrenal sugerisse o contrário, não se transformaram noutra coisa.

Praguejando, regressou à tarefa em mãos, utilizando o ramo como um gancho até ter espaço suficiente para se enfiar. Içar o corpo mutilado do chão foi difícil, mas assim que teve os ombros lá dentro, deixou que a gravidade fizesse o resto do trabalho. O chão de cimento em que aterrou estava gelado, e ele teve de parar, a sua respiração a arrastar-se pela garganta, as suas entranhas a contraírem quando a dor surgiu em várias partes do corpo...

Lá em cima, luzes fluorescentes piscavam no teto, e depois brilharam, cegando-o.

Malditos sensores de movimento. O lado positivo foi que, assim que a sua visão se ajustou, ele vislumbrou claramente todos os tipos de cortadores de relva e carrinhos de mão. O negativo? Ele era um diamante num estojo de joias, pronto a ser agarrado.

Na parede, pendurados em ganchos como peles de animais mortos, estavam vários fatos-macaco impermeáveis; pegou num deles e vestiu-o. Aquela roupa era para usar larga, mas nele ficava-lhe a nadar.

Melhor. Melhor com roupas, mesmo que cheirassem a fertilizante, que em breve lhe provocaria Assaduras na pele. Um boné de basebol no balcão tinha o logotipo dos Boston Red Sox, e ele enfiou-o na cabeça para conservar o calor do corpo; depois olhou em volta à procura de qualquer coisa que pudesse usar como bengala. As pás de cabo comprido pesariam demasiado para serem eficientes, e os ancinhos também não serviriam de muito.

Que se lixasse. No imediato, a sua missão era ficar longe daquela luz toda.

Saiu como entrara, obrigando-se a passar através da janela aberta e aterrando com força no chão. Não havia tempo para se queixar e reclamar do impacto; tinha de sair dali.

Antes de morrer e ir para o Inferno, por assim dizer, fora ele o perseguidor. Merda, durante toda a sua vida tinha sido o caçador,

aquele que perseguia e encurralava e destruía. Agora, ao voltar para a escuridão dos túmulos, todos os intangíveis da noite eram perigosos até prova em contrário.

Esperava estar de volta a Caldwell.

Se assim fosse, tudo o que tinha a fazer era ficar longe da vista e dirigir-se a Nova Iorque, onde tinha o seu material.

Sim, rezou para que aquilo fosse Caldwell. Quarenta e cinco minutos para sul pela autoestrada era tudo o que levaria, e ele já tinha infringido a lei ao entrar naquele edifício. Fazer uma ligação direta num carro mais velho era uma habilidade que ele também podia ressuscitar.

Uma eternidade depois, ou pelo menos assim pareceu, chegou à cerca de ferro que envolvia todo o cemitério. A coisa tinha uns três metros de altura e era encimada por picos que numa vida anterior tinham provavelmente sido punhais.

Voltando-se para as grades que o mantinham no lado dos mortos, agarrou-as e sentiu o frio do metal. Olhando para cima, concentrou-se nos céus. As estrelas brilhavam mesmo.

Engraçado, sempre pensara que era apenas um ditado.

Inalando, puxou o ar limpo e fresco para os seus pulmões e percebeu que se tinha habituado ao cheiro no Inferno. De início, fora o que mais odiara, aquele fedor nauseabundo a ovos podres nos seios nasais que invadiam a parte de trás da sua garganta e desciam para envenenar as suas entranhas: mais do que um cheiro mau, fora uma infecção que entrara no seu nariz e dominara a partir daí, transformando tudo o que ele era em território seu.

Mas ele habituara-se.

Com o tempo, e no meio do sofrimento, aclimatizara-se ao horror, ao desespero, à dor.

O olho mau, o que não via, encheu-se de lágrimas.

Ele nunca iria chegar às estrelas.

E aquela pausa era, provavelmente, apenas uma forma de aumentar a tortura. Afinal, não havia nada como um período de alívio para revitalizar um pesadelo: quando se voltava à merda, o contraste apurava tudo, fazendo desaparecer a aclimação, o ilusório Ctrl-Alt-Del que o levava de volta ao choque inicial que sentira.

Viriam de novo por ele. Era, afinal, exatamente o que merecera.

Mas, durante o tempo de que dispunha, ia combater o inevitável, não com a esperança de evasão, não pela possibilidade de uma prorrogação, mas simplesmente como uma função autónoma do seu corpo.

Lutava pela mesma razão que tinha feito mal.

Era apenas o que ele fazia.

Levantando-se do chão, enfiou os dois pés entre as grades e içou o seu peso. Mais uma vez. E outra. O topo parecia distar quilómetros, e a distância fê-lo concentrar-se mais no seu objetivo.

Ao fim de uma eternidade, agarrou com a palma da mão um dos picos e a seguir pôs o braço em volta daquilo.

Fez sangue pouco depois quando levantou a perna e a passou por cima da cerca, uma daquelas pontas aguçadas a morder-lhe a barriga da perna e a arrancar um pedaço.

Porém, não havia retorno. Ele empenhara-se e, de uma forma ou de outra, a gravidade ia ganhar e levá-lo para terra – portanto, era melhor que fosse do lado de fora.

Quando entrou em queda livre, concentrou-se nas estrelas. Até estendeu a mão para elas.

O facto de elas ficarem cada vez mais longe pareceu adequado.

2



Mels Carmichael estava sozinha na redação. De novo. Nove da noite, e o labirinto de cubículos do *Caldwell Courier Journal* era apenas equipamento de escritório, sem pessoas, a edição do dia seguinte despachada do ponto de vista jornalístico, as impressoras agora a fazerem o seu trabalho do outro lado da grande parede atrás dela.

Quando se inclinou para trás na cadeira, as molas soltaram um guincho, e ela transformou a coisa num instrumento, tocando uma melodia animada que ela própria compusera após muitas noites como aquela. Chamava-se «Going Nowhere Fast», e ela assobiou a parte de soprano.

– Ainda por cá, Carmichael?

Mels endireitou-se e cruzou os braços sobre o peito.

– Olá, Dick.

O chefe imiscuiu-se no pouco espaço que ela tinha, a gabardina dobrada sobre o braço e a gravata larga no pescoço carnudo, recém-chegado do Charlie's.

– Outra vez a trabalhar até tarde? – O olhar dele pousou nos botões da camisa de Mels, como se esperasse que o uísque que embarcara lhe tivesse dado poderes telecinéticos. – És demasiado bonita para isso. Não tens namorado?

– Tu conheces-me, o trabalho é tudo.

– Bem... eu podia dar-te algo em que trabalhar.

Mels olhou para ele, calma.

– Obrigada, mas agora estou ocupada. A fazer uma pesquisa sobre a prevalência de assédio sexual nas indústrias anteriormente dominadas por homens, tal como as companhias aéreas, desporto... e jornais.

Dick franziu a testa como se os seus ouvidos não tivessem ouvido o que esperavam. O que era de loucos. A resposta dela à atitude dele era a mesma desde o primeiro dia.

Há mais de dois anos que lhe dava para trás. Céus, já passara assim tanto tempo?

– É esclarecedor. – Ela estendeu a mão e empurrou o rato, fazendo desaparecer o *screensaver*. – Muitas estatísticas. Podia ser o meu primeiro artigo para a secção «nacional». Questões de género na América pós-feminista são um tema quente... Claro, eu podia simplesmente pôr o artigo no meu blogue. Talvez se me fizesses um orçamento para isto?

Dick mudou a posição da gabardina.

– Não te atribuí isso.

– Eu costumo tomar a iniciativa.

A cabeça dele ergueu-se, como se estivesse à procura de outra pessoa para incomodar.

– Só leio os trabalhos que atribuí.

– Podes achar isto importante.

O tipo fez menção de alargar o nó da gravata como se precisasse de ar, mas surpresa! Já estava largo.

– Estás a desperdiçar o teu tempo, Carmichael. Vejo-te amanhã.

Ao sair, vestiu a gabardina à Walter Cronkite, com lapelas dos anos setenta, e o cinto que pendia largo das presilhas não estava onde devia estar. Ele provavelmente tinha aquilo desde a década de Watergate, o trabalho de Woodward e Bernstein a inspirar o rapaz, na altura com vinte anos, a começar a sua própria senda... que culminara à frente do jornal de uma cidade de tamanho médio.

Não era um trabalho nada mau. Só não era chefe de departamento do *New York Times* ou do *Wall Street Journal*.

O que parecia incomodá-lo.

Portanto, sim, não era preciso ser-se um génio para atribuir o seu comportamento ao tédio de um antigo timoneiro careca, à

amargura de uma vida pouco gratificante de um homem prestes a fazer sessenta.

Por outro lado, talvez ele fosse apenas um idiota.

O que ela sabia era que, com uma papada semelhante à de um porco, o homem não tinha nenhuma razão objetiva para acreditar que a resposta aos problemas de qualquer mulher estava nas suas calças.

Quando as portas se fecharam atrás dele, Mels respirou fundo e imaginou um autocarro a atropelar aquela gabardina anacrónica. Graças a cortes no orçamento, porém, não havia autocarros em Trade Street depois das nove horas da noite, e agora... sim, passavam dezasseis minutos da hora.

Olhando para o ecrã do computador, tomou consciência de que provavelmente deveria ir para casa.

O artigo que começara não era realmente sobre chefes assediadores que faziam as subordinadas pensar com carinho nos transportes públicos como armas do crime. Era sobre pessoas desaparecidas. As centenas de pessoas desaparecidas na cidade de Caldwell.

Caldie, a cidade das pontes gémeas, estava à frente no que tocava a desaparecimentos. Durante o ano anterior, a cidade de cerca de dois milhões de habitantes tivera o triplo do número de casos dos cinco bairros de Manhattan e de Chicago – combinados. E o total na última década superava os números da costa leste inteira. Mais estranho ainda, os números não eram o único problema: as pessoas não desapareciam apenas temporariamente. Essas pessoas não voltavam e nunca mais eram encontradas. Nenhum corpo, nenhum vestígio, e nenhuma mudança para outras jurisdições.

Pareciam ter sido sugadas para outro mundo.

Depois de toda a pesquisa que fizera, Mels tinha a sensação de que a horrível matança em massa numa quinta durante o mês anterior tinha algo a ver com o excesso de desaparecimentos...

Todos aqueles jovens dispostos em filas, dilacerados.

Os dados preliminares sugeriam que muitos dos identificados tinham sido dados como desaparecidos num momento ou noutra das suas vidas. Muitos deles tinham vivido em reformatórios ou havia registo de que consumiam drogas. Mas nada disso importava para as suas famílias, nem devia.

Não era preciso ser santo para se ser uma vítima.

A cena macabra na zona rural de Caldwell fora notícia a nível nacional, com todas as estações a enviarem os seus melhores homens para a cidade, desde Brian Williams a Anderson Cooper. Os jornais tinham feito o mesmo. E, no entanto, mesmo com toda a atenção, e a pressão dos políticos, e as interpelações de comunidades legitimamente perturbadas, a verdadeira história ainda havia de surgir: a Polícia de Caldwell tentava ligar as mortes a alguém, qualquer pessoa, mas estava de mãos a abanar, embora trabalhasse no caso dia e noite.

Tinha de haver uma resposta. Havia sempre uma resposta.

E ela estava determinada a descobrir os porquês – pelas vítimas e pelas suas famílias.

Era também altura de se distinguir. Ela fora para ali com vinte e sete anos, transferida de Manhattan porque era caro viver em Nova Iorque e não estava a chegar a lado nenhum suficientemente depressa no *New York Post*. O plano tinha sido mudar-se durante cerca de seis meses, juntar algum dinheiro, já que vivia com a mãe, e focar-se nos grandes: *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, talvez até um trabalho de repórter na CNN.

As coisas não tinham corrido assim.

Concentrando-se no ecrã, percorreu as colunas que sabia de cor, procurando o padrão que não estava a ver... pronta para encontrar a chave que abria a porta não só para a história, mas para a sua própria vida.

O tempo estava a passar, e Deus sabia que ela não era imortal...

Quando Mels deixou a redação por volta das nove e meia, aquelas linhas de informação reapareciam sempre que ela pestanejava, como um jogo de vídeo que tivesse jogado durante demasiado tempo.

O carro dela, *Josephine*, era um *Honda Civic* prateado com doze anos e trezentos mil quilómetros – e *Fi-Fi* estava habituado a esperar à noite ao frio por ela. Entrando, ligou o motor e arrancou, deixando para trás o emprego sem futuro. Para ir para casa da mãe. Aos trinta anos.

Que porcaria. E ela pensava que ia acordar magicamente na manhã seguinte transformada na jornalista Diane Sawyer?

Seguindo por Trade Street para sair da cidade, deixou para trás os edifícios de escritórios, passou pelas discotecas e a seguir chegou

à zona de prédios abandonados onde costumava trancar as portas. Após todas aquelas janelas entaipadas, as coisas melhoraram quando ela entrou na periferia do mundo residencial, o local das quintas e das ruas com nomes de árvores...

– Meeeerda!

Guinando o volante para a direita, tentou evitar o homem que se atirou para a estrada, mas demasiado tarde. Acertou-lhe em cheio, com o para-choques dianteiro, atirando-o ao ar de modo que ele rolou sobre o capô e bateu no para-brisas, e o vidro partiu-se numa explosão de luz brilhante.

Afinal, aquele foi apenas o primeiro de três impactos.

Em voo significava apenas uma coisa, e ela julgou ver uma imagem terrível dele a bater no chão com força. A seguir, Mels teve os seus próprios problemas. Despistou-se, o carro galgou o passeio, os travões abrandaram o seu ímpeto, mas não suficientemente depressa e depois não abrandaram nada quando também o carro começou a voar.

O carvalho iluminado pelos faróis levou o seu cérebro a fazer um cálculo de fração de segundo: ela ia bater na maldita coisa, e ia doer.

A colisão foi parte rangido, parte baque, um som surdo a que ela não prestou muita atenção – estava demasiado ocupada a levar com o *airbag* solidamente na cara, castigada pela falta do cinto de segurança.

Impelida para a frente e recuando em ricochete, o pó do *airbag* entrou-lhe nos olhos, nariz e pulmões, ardendo e fazendo-a sufocar. Depois fez-se silêncio.

A seguir, tudo o que pôde fazer foi ficar onde estava, tal como o pobre e velho *Fi-Fi*. Debruçada sobre o *airbag* que se esvaziava, ela tossiu fracamente...

Alguém estava a assobiar...

Não, era o motor, libertando vapor de algo que devia estar selado.

Ela virou a cabeça com cuidado e olhou pela janela do seu lado. O homem estava no meio da rua, tão imóvel, demasiado imóvel.

– Meu Deus...

O rádio do carro adquiriu vida, primeiro a medo, depois ganhando tração elétrica do curto-circuito que ocorrera. Uma canção... o que era?

Do nada, uma luz brilhou no meio da estrada, iluminando a pilha de trapos que ela sabia ser um ser humano. Pestanejando, Mels

perguntou-se se aquele era o momento em que iria saber as respostas sobre a vida após a morte.

Não exatamente o furo jornalístico que procurava, mas iria aproveitá-lo...

Não era nenhuma chegada divina. Apenas faróis...

O carro de três volumes parou com um chiar de travões e duas pessoas saíram: o homem acercou-se da vítima e a mulher foi a correr até Mels. A boa samaritana de Mels teve de fazer bastante força para abrir a porta, mas depois de alguns puxões, o ar fresco substituiu o cheiro intenso a plástico dos *airbags*.

– A senhora está bem?

A mulher andava na casa dos quarenta e parecia rica, o cabelo apanhado, os brincos de ouro a brilharem, as roupas elegantes a não combinarem nada com a cena de um acidente.

Ela levantou um *iPhone*.

– Chamei uma ambulância... não, não, não se mexa. Pode ter uma lesão no pescoço.

Mels cedeu à pressão subtil no seu ombro, continuando caída sobre o volante.

– Ele está bem? Não o vi, ele apareceu do nada.

Pelo menos, foi o que ela quis dizer. O que os seus ouvidos ouviram foram murmúrios que não faziam sentido.

Que se lixasse a lesão no pescoço, ela estava era preocupada com o cérebro.

– O meu marido é médico – disse a mulher. – Ele sabe o que fazer com o homem. Preocupe-se mas é consigo...

– Não o vi. Não o vi. – Ah, que bom, aquilo saiu de forma mais clara. – Regressava a casa do trabalho. Não...

– Claro que não viu. – A mulher ajoelhou-se. Sim, parecia a mulher de um médico... e cheirava a perfume caro. – Mantenha-se imóvel. A ambulância está a chegar...

– Ele está vivo? – As lágrimas subiram até aos olhos de Mels, substituindo um ardor por outro. – Oh, meu Deus, eu matei-o?

Quando começou a tremer, percebeu que música estava a tocar. «Blinded by the Light»...